

ENTRAVES NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

*Maria do Rosario Alves do Nascimento**

No sentido mais acadêmico, “leitura” pode significar a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto.

A leitura no Brasil, não é diferente do Piauí, pois tem se constituído numa dificuldade que incomoda e angustia os profissionais da educação.

Para Martins, (1994.18) *“as pessoas com carência no convívio humano e que apresentam precárias condições de sobrevivência, tendem a ter constrangida a sua aptidão para ler”*. Teodoro (1993) *diz que a leitura se justifica pelo fato de vivermos numa sociedade letrada*. Neste sentido, ler se apresenta como um instrumento de sobrevivência e atualização nesse tipo de sociedade. Há necessidade da formação de leitores críticos, mas é preciso quebrar o tabu dos entraves nos aspectos internos e externos, a começar pela família carente do hábito de ler.

Sabe-se que os entraves na formação de leitores críticos trazem sérias conseqüências, por isso, família, escola e autoridades educacionais, envolvidas neste processo, devem executar continuamente estratégias eficazes de incentivo à formação de leitores, o que não tem ocorrido de fato.

A essência deste trabalho de pesquisa que apresentamos tem por objetivo identificar os fatores que contribuem para o fracasso da leitura na formação de leitores críticos, aprimorando o processo de ensino e resgatando valores através da criatividade para vivenciá-los.

Durante a observação direta, levantamento bibliográfico, coleta de dados, entrevista com professores e alunos, detectou-se muitas dificuldades encontradas no ensino de leitura. Estas se agravam diante de fatores externos como: a falta de construção de bibliotecas populares, o pouco acesso a leituras diversas decorrentes de situações sócio-econômico-culturais e, ainda, ausência de uma política educacional para promoção da leitura. Como fatores internos, temos: a falta de preparo e incentivo dos professores no desempenho dessa atividade.

É necessária nova pesquisa, técnicas de sensibilização sobre o hábito da leitura, novos livros e outros elementos indispensáveis para o melhor desempenho das atividades que serão realizadas.

A falta do hábito de leitura segundo alguns professores da rede pública de ensino, é o maior entrave para a realização das atividades escolares, pois se constatou sérios problemas após uma pesquisa realizada.

Silva (1984:49), diz que *“a falta de pesquisas sobre a leitura é contrabalançada pela ausência de bibliotecas escolares devidamente equipadas em local apropriado, falta de bibliotecário formado e acervos atualizados”*.

Entre os entraves na formação de leitores críticos destaca-se a carência de bibliotecas públicas que tolhe o desenvolvimento do chamado “hábito de leitura” o qual muitas vezes fica ao nível de idealismo pela falta de livros e profissionais que atendam aos leitores. Portanto, o aluno leitor, não dispõe de fontes diversificadas por conta do fator econômico, mesmo que haja interesse. Sabe-se que a implantação de bibliotecas escolares é regida por lei¹ e não está

* Universidade Estadual do Piauí. Campus de Parnaíba

¹ Decreto Estadual nº 32.056, de 30/04/1958.

sendo cumprida, pois existe carência de bibliotecas em quase todas as cidades do Brasil, também não há, respeito à população atual e por isso propõe-se um trabalho de sensibilização na comunidade envolvendo a família, escola e autoridades engajadas no processo para resgatar a promoção efetiva de leituras e contribuir verdadeiramente para a formação de leitores críticos.

Prestes² (2001:6) cita Fonseca dizendo que este afirma (1994), que é indispensável ao falante enriquecer seu uso lingüístico e apossar-se ativamente de sua língua, a fim de que avalie e concretize o poder da imaginação e que exercite efetivamente a liberdade de expressão.

Ressalta a autora (op. cit.) que “*sem o contributo enriquecedor da pedagogia da língua materna, a imaginação poderá naufragar na anarquia e a liberdade poderá redundar na mais cruel hipócrita das orações – dar ‘liberdade de escolha’ a quem não tem por onde escolher*”.

Os entraves da leitura trazem para o aluno/leitor conseqüências graves, entre elas a deficiência na produção e interpretação de textos, a dificuldade no decorrer da aprendizagem, bem como a falta de uma visão mais ampla do mundo. Nas escolas em geral, observa-se a falta de estímulo para leitura causando bloqueios na criatividade interdisciplinar, razão pela qual desenvolvemos esta pesquisa. Por isso, é imprescindível o incentivo às famílias e escolas, bem como a implantação de bibliotecas públicas com variedades de subsídios atualizados, onde o aluno/leitor possa pesquisar e através de uma análise crítica, desvendar o assunto em pauta, utilizando a experiência lingüística para o poder da liberdade de expressão.

Ainda como conseqüência no que diz respeito à falta da leitura, destaca-se, também, a insegurança na discussão de temas, o que dificulta qualquer debate e outras atividades desta natureza. Freire (1980:86-87) diz que “*a conscientização implica, pois que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade para chegar a uma esfera crítica onde a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica*”.

Além da influência na família, apoio das autoridades fornecendo acervos diversificados para as bibliotecas, precisa-se da contribuição do professor em relação às leituras previstas para um texto, modificando as condições de produção de leitura do aluno, e dando oportunidade para que este construa sua história de leitura, estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, além de resgatar a história dos sentidos do texto.

Na família, é imprescindível um trabalho de sensibilização, pois é nesta pequena célula da sociedade que o aluno/leitor recebe as primeiras influências; precisa-se também de bibliotecas públicas, pois sem o material suficiente, fica difícil o trabalho de pesquisa, uma vez que grande parte da demanda é de classe baixa e média, não dispondo de recursos para custear despesas e, além disso, o professor poderá renovar dinâmicas de leituras tornando-as prazerosas e assim contribuir na formação de leitores críticos e criativos capazes de desenvolver não só o mundo das letras, mas toda a realidade que o cerca.

Silva (1993:49) afirma que: “*Denominar o mecanismo da leitura é ter acesso àqueles livros que falam criticamente e a respeito da estrutura hierárquica, ditatorial e discriminatória da estrutura, enfim, injusta da nossa sociedade é ser capaz de detectar aqueles aspectos que, através das manobras ideológicas servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância*”. Dessa forma, a pessoa que sabe ler e exercitar essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles.

² PRESTES, Maria Lúcia de Mesquita. Leitura e (re) escritura de textos. 2002:6.

A existência de analfabetismo, a inexistência de bibliotecas populares, a ausência de uma política para a promoção da leitura, propicia certa comodidade para a classe dominante, pois a presença de leitores críticos, sem dúvida, afetaria bastante a política da ignorância e alienação estabelecidas pelos detentores da cultura socialmente prestigiada.

Apesar da classe menos favorecida ver a leitura como instrumento necessário à sobrevivência, à luta contra suas condições precárias de vida, atualmente não consegue lograr vantagens em relação à classe dominante, pois lhe falta apoio em diversos aspectos.

Diante das pesquisas realizadas, observa-se que as escolas não vêm desenvolvendo atividades de leitura, deixando-a mecanizada o que dificulta a liberdade de expressão do leitor.

Para obter os dados necessários durante a pesquisa, foram realizadas várias atividades nas Escolas Públicas Estaduais de Parnaíba, dentre elas, investigações sobre a importância da leitura na formação de leitores críticos, bem como os entraves.

Realizou-se ainda, um levantamento bibliográfico, pesquisa de campo relacionada a experiências de professores e outros investigadores da área, observação direta, coleta de dados e aplicação de uma entrevista com vinte professores e dez alunos de cinco escolas.

As atividades mencionadas tiveram início dia 11 de agosto com término dia 19 do referido mês no ano de 2004.

Na entrevista, os depoimentos foram gravados e fotografados para apresentação mais concreta sobre a realidade que ora precisamos refletir e analisar.

Ao conversarmos com dez estudantes desde o ensino fundamental ao superior, texto em anexo, os alunos de 1ª a 4ª séries declararam sentir gosto pela leitura em sala de aula, quando partilhada com os colegas, além de gostar de fazer leituras de revistas infantis e livros que narram historinhas. Os alunos mostraram-se interessados e demonstraram gostar muito das aulas de Língua Portuguesa, apesar de complicada para eles. Já os alunos de 5ª a 8ª séries, afirmam que nos bairros quase não existem bibliotecas e quando encontradas, a maioria dos livros são desatualizados. As leituras que mais fazem com prazer, são livros de suspense, romance, aventura, terror e comédia, mas gostam de histórias bem escritas que passem emoções ao leitor para que possam concluí-la. Afirmam ainda, que em casa lêem histórias infantis porque a situação econômica não lhe permite comprar outros gêneros e a tarefa que mais gostam de participar na Língua Portuguesa, é trabalho em grupo porque trocam idéias, interagem mais uns com os outros, principalmente, quando a professora contextualiza a leitura com a realidade deles.

Os estudantes de Ensino Médio, a exemplo dos alunos de 5ª a 8ª séries, também afirmam que nem todas as escolas possuem bibliotecas e quando encontram, os acervos são defasados. Os livros que mais lêem são de histórias porque apresentam ligações com o passado, lêem também romances, contos, poesias e literatura e as tarefas que mais gostam são aulas extraclasse que acontecem aos sábados.

Segundo declarações de estudantes universitários, os acervos das bibliotecas deveriam ser atualizados e os livros que lêem são literatura francesa, brasileira, americana e inglesa, além da filosofia, crônicas e poesias. Fazem leituras complementares sobre misticismo, ocultismo além da curiosidade por maçonaria.

Para alguns professores de 5ª a 8ª séries, o primeiro entrave é conceituar leitura como simplesmente decodificação dos signos lingüísticos, converter letras em sons. Outro entrave, é o nosso sistema educacional que tem a concepção de ligar o gosto de ler apenas os livros didáticos, uma formação livresca e defasada em relação a realidade. Na família, os pais não possuem o hábito da leitura estimulando a ausência da mesma forma a seus filhos, além da falta de bibliotecas nas escolas públicas. Na escola não existe o material didático para realização de atividades como: produção de artigos, jornais e livros produzidos pelos alunos para que estes possam sentir-se estimulados à leitura. Falta também capacitação para os

professores a fim de que sejam incentivadores neste processo. Para que os alunos sejam leitores críticos, os professores devem criar situações de leitura tanto em sala de aula quanto fora da escola. Ler junto com os alunos, indicando filmes, programas educativos e debates, fazendo da sala de aula um local de reflexão, de discussão e não só de exposição de conteúdos.

Quanto ao livro didático, alguns professores acham que não causa prejuízo na formação de leitores críticos, porque é apenas para auxiliar na aprendizagem e cabe, portanto a eles diversificarem suas aulas com outros livros, pesquisas e demais atividades. Para a maioria dos entrevistados, as escolas estaduais atualmente não recebem somente livros didáticos. O aluno tem recebido subsídios paradidáticos e em algumas escolas públicas existem bibliotecas com acervos atualizados e até laboratórios de informática. O que precisa ser revisto, afirmam, é a melhor forma de saber utilizá-los para que o aluno/leitor seja crítico. Outros acham que o livro didático não atualizado poderá causar grandes prejuízos porque há temática que na maioria não desperta nenhum interesse, no aluno/leitor, pois geralmente não está de acordo com a realidade deste levando-o à preguiça de lê-los, tornando-se enfadonho, não conscientizando, nem despertando a criticidade e a criatividade do aluno hoje tão ausente de nossas escolas.

O Ensino Médio e Superior não se mostram diferentes das anteriores, pois segundo alguns professores de Língua Portuguesa, existem muitas dificuldades na discussão de temas diversos para a análise crítica. A falta de leitura, por exemplo, é um problema crucial porque é oriunda das primeiras séries. O aluno que não lê, não tem embasamento teórico para discussões proporcionadas em sala de aula, os argumentos usados por este são muito fracos e sem conteúdo. Supõe-se que essas dificuldades advêm da falta de acesso aos livros, da falta de incentivo por parte de alguns professores e do próprio sistema educacional em que o aluno está inserido.

Além da falta de uma boa leitura, afirmam os professores, o sistema no qual vivemos ao longo da vida também é um entrave, pois secularmente é perceptível que o sistema político preferiu a ausência de leitores críticos. A formação não o munuiu de uma prática significativa que fizesse com que eles priorizassem a leitura em suas aulas de Língua Portuguesa, mas sim a gramática pela gramática. E os textos quando lidos, na maioria das vezes curtos e abstraídos de uma análise crítica, a falta de livros em consequência das condições físicas, constitucionais, falta de uma política salarial justa entre outras carências.

Apesar de todos esses entraves surgem alguns avanços dentre eles as discussões nas Instituições de Ensino Superior, embora com dificuldades, pois reconhecemos que essas discussões precisam ampliar-se, porque a leitura crítica deve aperfeiçoar-se através de novas técnicas e novos suportes teóricos para que possam acompanhar o avanço da ciência e da tecnologia. Se a escola ou os educadores não tiver uma visão crítica como teremos leitores críticos?

Conversando com uma professora filósofa que se encontra no estágio final de especialização em Psicopedagogia, colocou sua experiência sobre a formação de leitores críticos. Segundo sua experiência, faz-se necessário que primeiro trabalhemos os nossos leitores, pois muitos estudantes saem das escolas apenas repetindo palavras que parecem não ter sentido ou não fazer parte de um contexto – lêem, mas não interpretam. Trabalhar esses estudantes seria, no primeiro momento, fazer uma avaliação, verificando se há algum problema de aprendizagem seja afetiva, física, social ou psicomotora, caso haja, determina-se então que instrumentos e exercícios possam ser utilizados com o conteúdo para que o estudante supere suas limitações até tornar-se um bom leitor.

Para a formação de leitor crítico acredito que a filosofia possua um papel essencial, já que trabalha o raciocínio lógico e o espírito indagador do estudante, fazendo com que este pergunte “o porquê” dos fatos serem como são dessa ou daquela forma, pois este

posicionamento é típico de um leitor crítico que ao se deparar com o texto preocupa-se em decodificar, mas principalmente interpretar as possíveis intenções.

No Piauí, em Parnaíba, estamos trabalhando o projeto “Revitalizando” no Ensino Fundamental com as escolas públicas estaduais. Neste, estão desenvolvidas todas as disciplinas: Sendo que nas primeiras séries, deu-se uma atenção especial ao ensino de Língua Portuguesa e Matemática³ com o sub-projeto “Outro olhar sobre a Língua Portuguesa e a Matemática”. A supervisora de Ensino Fundamental afirma: Intentamos com esta proposta desmistificar o estigma que carregam essas duas áreas de ensino em todos os níveis de escolaridade.

Quanto ao ensino de Língua Portuguesa, estamos vivendo tempos de crise em que pesquisas revelam índices alarmantes de alunos que concluem o Ensino Fundamental sem o domínio da leitura e da escrita e, por conseguinte não interpretam textos por menores que sejam.

Diante dessa realidade, faz-se necessário que a escola repense sua prática no ensino da leitura e da escrita, reafirma a supervisora⁴, quando sabemos que este vem sendo tradicionalmente orientado por uma idéia de adição, ou seja, partindo de etapas mais simples às mais complexas, conduzindo o aluno à leitura e à escrita de textos tidos como “fáceis”, vazios de significado para ele.

Através de observação direta, coleta de dados e entrevistas com alunos e professores, observa-se com maior ênfase a política econômico-sócio-cultural que tolhe a formação de leitores críticos capazes de desenvolver seu potencial neste processo.

A escola, a comunidade, os professores e outros profissionais da educação de forma geral, buscam culpados e causas dos problemas encontrados no ensino da leitura que gera situações conflitantes envolvendo todos os interessados na aprendizagem e uso da língua materna.

O que se percebe, é que existem leituras que não questionam, nem levantam hipóteses para soluções, o que nos leva a concluir que alguns professores de Língua Portuguesa, não se encontram totalmente preparados para a função de ensinar, pois suas atividades encerram gerando dúvidas entre os envolvidos no processo levando-os aos caminhos da insegurança.

Diante de tantas questões relacionadas ao uso da Língua Portuguesa no tocante à leitura encontram-se questionamentos sobre o ensino, uma vez que na prática observa-se que a escola não vem desenvolvendo as atividades de leitura dentro de uma perspectiva ampla, deixando-a apenas mecanizada, isto é, não apresentando as dinâmicas já mencionadas para dar mais liberdade de expressão ao aluno-leitor. A escola, desde o início da escolarização, deve resgatar o sentido amplo da leitura como apreensão da realidade que se revela através de várias linguagens, assim como o aspecto dinâmico que envolve o diálogo do leitor com o texto, bem como a expressão individual e diferenciada desse leitor.

Na entrevista com alunos, destacaram-se posicionamentos interessantes para a reflexão no processo da leitura, como por exemplo: “Sinto muito gosto pela leitura em sala de aula quando partilhado com os colegas, além de gostar de ler revistas infantis e livros que narram histórias”; “nos bairros, quase não existem bibliotecas e quando encontramos, o acervo não está atualizado”. “As leituras que mais fazemos com prazer, são de suspense, romance, aventura, terror e comédia, mas gostamos de histórias bem escritas que passe emoção ao leitor para que possamos concluí-las”; bem como, “nossas bibliotecas são desatualizadas e os livros que lemos são literatura francesa, brasileira, americana e inglesa, além de filosofia, crônicas e poesias. Fazemos leituras complementares sobre misticismo, ocultismo e temos curiosidade por maçonaria”.

³ A inclusão da matemática neste contexto faz-se em função da referida disciplina está contida no Projeto “Revitalizando”.

⁴ Ida Maria Carvalho dos Santos

Em relação aos professores entrevistados, suas colocações foram essenciais para o estudo dos entraves na formação de leitores críticos, tais como: “A falta de livros paradidáticos para os alunos, salas de leitura, espaço adequado para teatro escolar, de material didático para produção de artigos jornais e livros produzidos pelos alunos para que esses se sintam estimulados para a leitura”; “a maior dificuldade que encontramos no Ensino Superior em discussões de temas diversos para a análise crítica, é a falta de leitura do nosso aluno. Quem não lê, não tem embasamento teórico para as discussões proporcionadas em sala de aula, os argumentos usados por esses são muito fracos e sem conteúdo”.

Quando perguntamos, a uma professora graduada em Língua Portuguesa, sobre os entraves atuais na formação de leitores críticos, a mesma afirmou que sem dúvida, o aspecto fundamental para o crescimento global do indivíduo é a prática da leitura, especialmente a crítica para que o aluno acompanhe claramente as ocorrências atuais. Afirmou ainda, que a leitura inicia-se no próprio contexto sócio-cultural onde se vive, a partir das histórias de vida, dos ideais, do conhecimento de mundo. Continua a professora, por outro lado, as escolas, ou seja, nem todas as escolas têm livros didáticos disponíveis e tampouco uma biblioteca e quando têm o acervo está a desejar, devido a falta de planejamento, onde não se leva o aluno a sala de leitura para que haja leitura e logo após, a produção de textos. Falta de recursos audiovisuais e outros, além disso, os temas apresentados nos textos não condizem com a realidade dos educandos. Não têm acesso a obras Literárias. Não fazem sua própria seleção de livros. Há o autoritarismo da obrigação do tempo pré-determinado para a leitura, da ficha de leitura, da interpretação pré-fixada a ser convergentemente reproduzida pelo aluno-leitor e outros mecanismos que levam ao desgosto pela leitura e a morte paulatina dos mesmos.

Na maioria dos posicionamentos, ficou evidente na fala dos professores entrevistados que para formarmos leitores críticos, faz-se necessário que primeiro trabalhem os nossos leitores, pois muitos estudantes saem das escolas apenas repetindo palavras que parecem não ter sentido ou não fazerem parte de um contexto. Eles lêem, mas não interpretam. Trabalhar esses estudantes seria no primeiro momento, fazer uma avaliação, verificando se há algum problema de aprendizagem nos mesmos, seja este afetivo, físico, social ou psicomotor. Caso haja, determina-se então, que instrumentos e exercícios podem ser utilizados com o intuito de que o estudante supere suas limitações até tornar-se, no caso, um bom leitor. Afirmam ainda, que para formar leitores críticos, acreditam que a filosofia possui um papel essencial, já que trabalha o raciocínio lógico e o espírito crítico do estudante, fazendo com que este, pergunte “o porquê” dos fatos serem como são, ou acontecerem desta ou daquela forma. Este posicionamento é típico de um crítico que ao se deparar com o texto, preocupa-se em decodificar, mas principalmente interpretar as possíveis intenções deste. Diria até que este é o comportamento não somente do leitor crítico, mas também do cidadão consciente que se situa diante do mundo”.

Com relação a orientação do professor ao aluno nas primeiras séries para saber ler, escrever, interpretar, produzir textos e realizar outras atividades, Prestes (2001:9) cita Poersch dizendo que este afirma que prefere utilizar o termo consciência lingüística, pois considera o termo metalingüística redundante, tendo em vista o prefixo meta – também valoriza o papel da escola na aprendizagem e na formação dessa consciência: “É através da escola que a criança adquire consciência do sistema lingüístico; consciência essa que terá papel importante no desenvolvimento de seu pensamento” (POERSCH, 1992, p.145).

Esse posicionamento é ratificado em Vygotsky (1989, p.79):

“O aprendizado escolar induz o tipo de percepção generalizante, desempenhando assim um papel decisivo na conscientização da criança dos seus próprios processos mentais. Os conceitos científicos, com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio no

qual a consciência e o domínio dos objetos se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros conceitos e a outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conhecimentos científicos”.

No momento em que, talvez por má interpretação de determinadas teorias, como o construtivismo, por exemplo, o processo ensino-aprendizagem parece estar todo centrado apenas no aluno, mas deve-se lembrar também o papel da escola, do professor e da instrução, em especial no ensino de língua materna, na formação de consciência lingüística, através do desenvolvimento de criatividade para a formação de leitores críticos.

Sabe-se que só é possível um ensino de Língua Portuguesa, democrática, valorizando o texto como objeto de análise crítica da língua e de conteúdos lingüísticos dos alunos; enfim, um ensino que se aproprie dos avanços da lingüística e dos métodos que emergem das necessidades coletivas e ao mesmo tempo são pedagogicamente significativas. Por tudo isso, pode-se afirmar que formar leitores não é tarefa simples: Requer condições apropriadas programas educativas favoráveis, climas sociais propícios. Promover a leitura, significa aspirar à maior difusão possível, mas com o máximo respeito e adequação às características específicas que singularizam cada grupo social, cada indivíduo.

Todo trabalho de leitura e análise pressupõe incentivo cujo objetivo é acionar o conhecimento prévio do aluno, facilitando o estabelecimento de partes entre o conhecimento construído com a leitura e aquele de que já dispõe.

Deve-se trabalhar o desenvolvimento de habilidades de leitura para que o aluno possa conduzir-se livremente, no processo da mesma, construindo seu conhecimento pessoal numa recriação crítica do que leu.

Diversas pesquisas mostram que por falta de estudos, orientações e incentivos à leitura, surgiu sérios problemas como: Não há um encontro do estudante com a leitura, o estudante ao chegar no Ensino Médio sente dificuldades na Língua Portuguesa que interferem na aprendizagem de várias disciplinas, pois lêem pouco e por isso nos deparamos com erros de escrita, além da deficiência no sentido crítico quando o assunto é leitura.

Fazendo a análise da realidade atual na família onde os pais possuem o hábito da leitura, os filhos tendem a adaptar-se, indo de encontro ao que afirma uma professora: “É que em casa não há leitores e dessa forma o educando também não é estimulado a prática de leitura”.

Na escola, o professor utilizando dinâmicas que favoreçam uma aprendizagem prazerosa poderá conquistar seus educandos, além de projetos interdisciplinares que tenham como propósito a leitura e uma boa interpretação dos textos lidos, considerando a realidade e os temas que são necessários à vivência da cidadania e da ética.

Com a sensibilização da comunidade e autoridades administrativas, pode-se conseguir grande número de acervos atualizados para implantar bibliotecas públicas.

REFERÊNCIAS

- FAVEIRO, Leonar Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O AQUINO, Zilda O. O. Oralidade e escrita. **Perspectivas para o ensino de língua materna**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: **Leitura no Brasil: Antropologia comemorativa pelo 10 cole**. Organização Márcia Abreu. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 29-49.
- GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002.
- MARCUSHI, Luis Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.
- PRESTES, Maria Lucia de Mesquita: **Leitura e (re) escritura de texto: Subsídios teóricos e práticas para o seu ensino**-4. ed. Ver. E corr. Calanduva: Respel, 2001.
- RAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUÊS. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- SILVA, Ezequial Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca** 4. ed. Campinas: Papyrus, 1993, p.47-56.